

O ESTUDO DOS CLÁSSICOS NA FILOSOFIA: ENTREVISTA COM EDUARDO BOECHAT

Jean Vargas¹ e Gabriel Assumpção²

1) Conte-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica.

Minha graduação em 1993 foi em Jornalismo na *Faculdade Hélio Alonso* no Rio de Janeiro, uma faculdade que na época era especializada em cursos de Comunicação Social. Eu trabalhei por alguns anos como assessor de imprensa, mas eu realmente acalentava o sonho de estudar letras clássicas e em 1996 mudei-me para Londres com esse propósito. Antes de ingressar em um curso acadêmico no Reino Unido, eu acompanhei por dois anos cursos de extensão oferecido pela *Birkbeck College* em Londres. Esses cursos se concentravam no ensino das línguas latina e grega e não eram em regime de tempo integral. Meu tempo era dividido então entre esses cursos e trabalhos não-especializados (como garçom e livreiro) onde eu pude aperfeiçoar o domínio da língua inglesa e ganhar dinheiro para o sustento. Esses cursos me abriram as portas da academia inglesa, já que por meio de professores de lá eu consegui as necessárias cartas de recomendação que certificavam que eu estaria apto para ingressar em um curso universitário.

Meu primeiro curso acadêmico (1999-2000) foi o *Postgraduate Course in Classical Studies* no *Kings College London*, uma espécie de mestrado *lato senso*. Eu decidira então ser um latinista e as disciplinas cursadas durante o ano letivo (*Cicero, Latin Prose Composition e Advanced Latin*) revelam essa intenção. Além dessas matérias, a dissertação final constou da análise do estilo literário de Cícero em suas cartas. O mestrado propriamente dito foi no *University College London (UCL)* entre 2001 e 2002. O *MA em Classics* me deu a chance de realizar um estudo realmente aprofundado do latim. Uma das disciplinas cursadas foi *Philological Research for Greek and Latin* (as outras: *Roman Historians e Intermediate Greek*). Embora a análise filológica não esteja em voga hoje em dia, essa disciplina provou ser fundamental em meu progresso como

¹ Doutorando em Filosofia pela UFMG.

² Doutorando em Filosofia pela UFMG, professor da Faculdade Jesuíta (FAJE).

linguista; a maior parte do curso foi destinada ao exame do desenvolvimento histórico da língua latina. Foi também por ocasião dessa disciplina que eu entrei em contato com Prof. Jonathan Powell, um classicista de renome internacional. Prof. Powell seria mais tarde o orientador de minhas teses de mestrado e doutorado. A tese de mestrado abordou o desenvolvimento das técnicas estilísticas no hexâmetro latino.

Meu doutorado foi na *Royal Holloway – University of London*. A tese de doutorado teve o seguinte título: ‘*Manilius and Posidonius’ Worldview*’. A ideia básica do meu projeto não é difícil de formular. Eu demonstro que a teoria astrológica exposta pelo poeta Manílio no livro *Astronomica* tem como base as doutrinas do filósofo estoico Possidônio de Apamea. A tese foi (e é), de fato, ambiciosa incorrendo em diversas controvérsias acadêmicas. Levou sete para ser concluída (2003 – 2010). O texto consta de 12 capítulos, cada um contendo três seções. Na primeira seção, eu exponho uma doutrina específica do filósofo estoico. Isso significa analisar o extensíssimo debate travado entre as escolas alemã e anglo-saxônica a respeito de Possidônio (cada uma com sua edição de fragmentos) ao longo do século XX. Na segunda parte eu demonstro que certas passagens da *Astronomica* se referem consistentemente a essa doutrina embora o nome do filósofo nunca seja citado. A terceira seção enfoca as alusões de Manílio aos seus predecessores na poesia didática romana, Lucrécio e Virgílio. Minha análise mostra que essas referências reforçam a ideia de que Manílio quer ser lido como uma espécie de anti-Lucrécio, ou seja, um poeta didático do estoicismo.

Paralelamente à ocupação com a tese de doutorado eu lecionei alguns cursos na *Royal Holloway*. Meu principal cargo docente lá foi à frente de um curso de mestrado que envolve os principais ‘colleges’ da *University of London* (*UCL, Kings College, Royal Holloway*). O curso (*‘Latin for Research II’*) se dirige aos alunos de pós-graduação que já tendo um conhecimento prévio da língua latina queiram aprofunda-lo.

Por motivos pessoais e profissionais, me mudei de volta para o Rio de Janeiro em maio de 2013. Em julho daquele mesmo ano eu fui aprovado no processo seletivo para professor substituto de latim no departamento de Letras Clássicas da UFRJ, onde lecionei as disciplinas do latim genérico de agosto de 2013 a julho de 2015. Em julho de 2015 eu passei em segundo lugar no concurso para professor adjunto de Latim na UFRJ. O concurso, entretanto, só oferecia uma única vaga. Por essa mesma época, eu recebi a notícia de que um dos meus artigos (*‘Stoic Physics and the Aristotelianism of Posidonius’*) havia sido aceito para publicação na *Ancient Philosophy*, uma revista científica americana de reputação internacional. Os dois acontecimentos, a não obtenção

da vaga e a aceitação do artigo, conduziram minha carreira na direção da filosofia antiga. Estimulado pelo reconhecimento dado a minha pesquisa, escrevi um detalhado projeto de pós-doutoramento que dava seguimento aos meus insights em ‘Stoic Physics and ...’ e cujo foco era a exploração das mudanças operadas por Possidônio na física e na ontologia da escola estoica (título do projeto: ‘Geração e Corrupção, Causa e Destino em Possidônio’). O projeto foi endossado pelo professor Gabriele Cornelli (Cátedra ARCHAI-UnB) que aceitou apresentá-lo como seu supervisor. Em meados de 2016 recebi a notícia de que havia sido contemplado com a bolsa do CNPq. Já se comentava na época a respeito dos cortes orçamentários que o ministério de Ciência e Tecnologia enfrentava. E, de fato, soube depois que eu havia sido o único candidato agraciado com o PDJ na área de filosofia antiga naquele ano. Em agosto de 2016 mudei-me para Brasília. A Cátedra UNESCO – Archai da Universidade de Brasília dispensa maiores apresentações. Trata-se de um dos principais centros de ensino e pesquisa de filosofia antiga no Brasil. Meu período na UnB foi gratificante. A infraestrutura proporcionada pela Cátedra é ótima e o prof. Cornelli deve estar entre os mais produtivos acadêmicos em atividade no país. Entre as conferências e seminários nos quais participei no meu período na Archai devo mencionar o *Workshop Plato’s Communities: Citizenship and Diversity* que aconteceu em setembro de 2017. A conferência foi organizada conjuntamente pela Cátedra Archai e pela universidade de Cambridge. Nesse evento tive oportunidade de apresentar o trabalho *'The Reception of Plato in the First Century BC: Posidonius' Commentary on the Timaeus'* que expunha alguns dos meus recentes *insights* sobre o ressurgimento de ideias pitagóricas no primeiro século a.C.

No final de 2016, o prof. Cornelli me falou que a Cátedra Archai estava procurando internacionalizar seu currículo acadêmico e indagou se eu estava disposto a ministrar um curso em inglês no Programa de Pós-graduação em Metafísica (PPGμ). Motivado pela ideia, eu apresentei a ementa do curso *Post-Hellenistic Philosophy* que foi oferecido aos alunos do programa no primeiro semestre de 2017. Essa disciplina, entretanto, acabou não sendo ministrada por conta do baixo número de estudantes que se inscreveram na própria. Já no semestre seguinte (2017. 2), eu ministrei a disciplina ‘Os Átomos e o Todo: Física, Metafísica e Política na Era Helenística’ no PPGμ.

Meu segundo estágio de pós-doutoramento está sendo realizado no departamento de filosofia da UFMG. O projeto que venceu o concurso para essa segunda bolsa de POSDOC (Capes – PROCAD) é o mesmo que havia sido submetido ao CNPq. Meu supervisor na UFMG é outro dos principais pesquisadores acadêmicos do país no setor,

o professor Fernando Rey Puente. Mudei-me para Belo Horizonte em novembro do ano passado, onde venho trabalhando desde então. Entre as atividades já realizadas no primeiro semestre de 2018 destaca-se um curso de pós-graduação (título: 'Filosofia Pós-Helenística') que aborda a reorientação das produções filosóficas e literárias ocorridas no primeiro século a. C. Nesse curso tive a oportunidade de expor o debate filosófico nos círculos intelectuais do mundo romano com relação a conceitos ontológicos, cosmológicos, epistemológicos, psicológicos, teológicos, linguísticos, e retóricos daquela época.

Minha principal publicação até o momento é o artigo 'Stoic Physics and the Aristotelianism of Posidonius' que saiu na revista científica americana *Ancient Philosophy* em sua segunda edição de 2016. Trata-se de um longo texto de 35 páginas dividido em duas seções. Na primeira eu discorro detalhadamente sobre os principais conceitos da física do estoicismo tradicional (princípios, teoria dos elementos, concepção de espaço e vácuo, movimento da matéria); na segunda eu analiso alguns fragmentos de Possidônio e demonstro que ele introduziu algumas inovações nesse campo para que pudesse empreender pesquisas científicas seguindo o exemplo dos peripatéticos (daí, '... and the Aristotelianism of Posidonius'). Também entre minhas publicações mais importantes está 'The concept of the Sun as Hegemonikon in the Stoa and in Manilius' *Astronomica*'. Nesse artigo que apareceu na Revista *Archai* em setembro de 2017, eu discorro sobre a astrofísica do mundo antigo clássico e usando farto material da minha tese de doutorado procuro mostrar que traços de uma teoria parcialmente heliocêntrica podem ser encontrados tanto em Manílio quanto nos fragmentos de Possidônio.

A revista *Caliope: Presença Clássica* (do programa de pós-graduação do departamento de Letras Clássicas da UFRJ) já publicou um artigo meu: 'The Physical Concepts of the Early Stoa'. Como o título do texto indica, faço no referido trabalho um exame detalhado dos conceitos físicos dos primeiros filósofos estoicos. Outro artigo meu está para ser publicado ainda esse ano na *Caliope*: 'The Concept of Genesis in Posidonius'. Nesse texto, que é fruto das minhas pesquisas nos últimos dois anos, eu analiso alguns excertos de Possidônio que se encontram na *Epitome* de Ário Dídimo para demonstrar que Possidônio reorientou a ontologia estoica introduzindo conceitos do platonismo pitagórico. Também no prelo da Revista *PROMETEUS* está 'Geographical Systems in the First Century BC: Posidonius' F 49 E–K and Vitruvius' On Architecture VI 1. 3–13'. Nesse artigo eu discorro sobre o desenvolvimento da geografia na antiguidade clássica e

ressalto as mudanças ocorridas nessa ciência no primeiro século a.C., quando filósofos voltaram a se interessar por temas geográficos.

Afinal, em maio desse ano tive a felicidade de ser aprovado em primeiro lugar no concurso para professor adjunto do departamento de Letras Clássicas da UFRJ. Espero começar a trabalhar lá em breve.

2) Qual o estado das pesquisas sobre Manílio e Possidônio no Brasil?

A época Pós-helenística, ou a filosofia entre os séculos I a.C. e II d.C., vem recebendo destaque nos debates acadêmicos internacionais nos últimos dez anos. Os dois autores, Possidônio e Manílio, são figuras proeminentes nessa época uma vez que testemunham o ressurgimento do interesse por pesquisas científicas, ou de cunho peripatético, nas escolas filosóficas. Quanto a pesquisas de acadêmicos brasileiros relacionadas a esses autores, além da minha produção eu poderia acrescentar, em primeiro lugar, a obra do professor Aldo Dinucci (UFS) que vem fazendo um exemplar trabalho no campo da história do estoicismo. O departamento de Letras Clássicas da USP também tem mostrado interesse em Manílio como digno representante da poesia Augustana. De fato, o interesse por esses autores tende a crescer na medida em que o Brasil se insere com mais vigor na comunidade científica internacional.

3) Por que o interesse em autores latinos?

Eu sempre gostei do mundo clássico Greco-romano e tendo necessariamente que escolher entre as duas línguas, eu preferi o latim. Como diz a grande classicista e historiadora Mary Beard o mundo romano está mais próximo de nós do que o mundo grego. A Grécia clássica significa os grandes ideais que, afinal, nunca foram realmente vividos. Roma somos nós. Uma sociedade multicultural, multirracial, metropolitana, e cosmopolita.

4) Como o sr. vê a diferença entre a pesquisa feita na Inglaterra e aqui no Brasil?

A Inglaterra é com certeza o mais importante centro de estudos clássicos nos últimos sessenta anos (antes era a Alemanha). O Brasil vem emergindo como um ativo membro da comunidade internacional nos últimos quinze anos. Quando eu comecei minha vida acadêmica em Londres em 1999 não se ouvia nada sobre o Brasil, quando eu retornei ao Rio em 2013 o Brasil era o país mais promissor para classicistas (ouvi isso em uma palestra em Oxford). De fato, com a crise nos últimos três anos essa ascensão perdeu fôlego, mas acho que já construímos alguns centros de excelência. Nossas principais

universidades (UFRJ, UFMG e UnB, para citar apenas aquelas em que já trabalhei) tem uma estrutura realmente profissional formada por um corpo docente de alta competência e por bibliotecas muito bem equipadas. Afinal, o Brasil entrou no mapa internacional dos estudos clássicos, que é capitaneado pela Inglaterra, e a tendência é que ele permaneça aí.

5) Qual a relevância do latim para os estudantes de filosofia?

O latim é relevante na medida em que o mundo antigo se tornou romano (em meados do século II a.C.). De fato, a filosofia antiga é grega, mas nós só temos acesso pleno a ela por meio do latim. Cícero, Sêneca, Lucrécio, Manílio, Agostinho, ... estes autores latinos são fontes indispensáveis se alguém pretende fazer uma pesquisa séria sobre certos tópicos da filosofia antiga. Claro, vale também lembrar que o latim virou a língua filosófica por definição na idade média. De fato, eu diria que todo estudante de filosofia deve cultivar o seu latim (pelo menos o latim instrumental).

6) Como o sr. vê o limite entre filosofia e literatura?

Minha tese de doutorado enfocou a poesia didática em Roma: Manílio, o estóico e Lucrécio, o epicurista. Eu diria que haviam duas maneiras de se fazer poesia filosófica na antiguidade. A poesia podia ser, em primeiro lugar, uma espécie de ‘mel’, ou seja, uma linguagem retórica que embelezasse e clarificasse o conteúdo filosófico. Lucrécio é o grande autor nesse campo, um escritor com recursos poéticos insuperáveis (como o próprio Virgílio admitiria nas *Geórgicas*). O outro tipo de poesia filosófica é o da linguagem hermética que pertence a um estágio mais tardio da civilização. Aqui a poesia não é apenas veículo do conteúdo mas ela é o conteúdo em si (*carmen et res*). A apreciação desse tipo de poesia exige mais atenção e não é à toa que Manílio, o maior expoente dessa corrente, é relativamente pouco conhecido. Trabalhos como o de Katharina Volk (Columbia), Stephen Green (Leeds), e modéstia à parte, o meu próprio vem explorando e revelando cada vez mais os recônditos ainda obscuros desse tipo de literatura filosófica da antiguidade.